

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
LUZ E SOMBRA - REPRESENTAÇÕES DA IDADE MÉDIA NO CINEMA
20 de Dezembro de 2022

O CONQUISTADOR CONQUISTADO / 2012

um filme de Manoel de Oliveira

Realização, Argumento: Manoel de Oliveira / Parte do filme colectivo “Centro Histórico” / Fotografia: Francisco Lagrifa Oliveira / Som: Henri Maïkoff / Montagem: Valérie Loiseleux / Guarda-roupa: Adelaide Trêpa / Interpretação: Ricardo Trêpa (guia turístico), Kristine Strautane, Kristina Zurauskaite (raparigas no autocarro), Militares de Cavalaria e de infantaria da GNR, etc.

Produção: Guimarães 2012 Capital Europeia da Cultura, Fundação Cidade de Guimarães / Coprodução: A Movement / Produtor: Rodrigo Areias / Produtor executivo: Silvério Canto Moniz / Diretor de produção: Alexandre Papin / Cópia: em DCP, cor, falado em inglês e português, legendado em português / Duração: 12 minutos / Estreia mundial de “Centro Histórico”: 9 de novembro de 2012, Festival de Cinema de Roma / Estreia em Portugal de “Centro Histórico”: 28 de novembro de 2012, cinema S. Mamede (Guimarães) / Estreia comercial em Portugal de “Centro Histórico”: 23 de Novembro de 2017, cinemas NOS Alvaláxia (Lisboa), Trindade (Porto) / Primeira exibição na Cinemateca: Ciclo Manoel de Oliveira Integral, 28 de Janeiro de 2019.

O CORPO DE AFONSO / 2012

um filme de João Pedro Rodrigues

Realização, Argumento, Fotografia: João Pedro Rodrigues / Som: Carlos Conceição, Nuno Carvalho / Montagem: Mariana Gaivão / Interpretação: Xelo Cagiao, Carlos Parga Méndez, Daniel Redondo Martínéz, David Hermida Lovelle, Arturo Castañeda Cid.

Produção: Guimarães 2012 Capital Europeia da Cultura, Fundação Cidade de Guimarães / Coprodução: BlackMaria / Produtor: João Figueiras / Cópia: em DCP, cor, falado em galego e português, legendado em português / Duração: 32 minutos / Estreia em Portugal: Novembro de 2012, Guimarães / Estreia internacional: 13 de Agosto de 2013, Festival de Locarno / Primeira exibição na Cinemateca.

com as presenças de João Pedro Rodrigues e Rita Azevedo Gomes

O Conquistador Conquistado e **O Corpo de Afonso** são apresentados na mesma sessão de **O Cortejo do Mundo Português**, de F. Carneiro Mendes, e **A Conquista de Faro**, de Rita Azevedo Gomes (“folhas” distribuídas em separado).

Esta sessão congrega vários filmes que nos conduzem a um recuo na História, curiosamente todos eles produzidos no contexto de grandes manifestações culturais que, de diferentes modos, permitiram que os realizadores aqui reunidos pudessem filmar, escolhendo estes motivos relacionados com a figuras da historiografia portuguesa. A exceção será o primeiro filme da sessão, obra amadora de Carneiro Mendes realizada

durante a Exposição do Mundo Português de 1940 com o fim de enaltecer essa importante manifestação de propaganda do Estado Novo Português, que ela própria convidava a uma viagem ao passado, como percebemos pelo cortejo filmado. E se a ficção de Rita Azevedo Gomes, **A Conquista de Faro**, teve origem numa proposta de Faro Capital Nacional da Cultura 2005, os filmes de Manoel de Oliveira e de João Pedro Rodrigues surgem já associados a Guimarães, Capital Europeia da Cultura 2012, apresentando ainda em comum a centralidade na figura de D. Afonso Henriques, que exploram de modo muito diverso.

O Conquistador Conquistado é parte integrante e o último segmento do filme coletivo “Centro Histórico”, que reúne esta obra de Manoel de Oliveira com curtas-metragens de Aki Kaurismäki (**O Tasqueiro**), Pedro Costa (**Lamento da Vida Jovem**), e de Victor Erice (**Vidros Partidos**). Manoel de Oliveira recorre ao humor para trabalhar uma inversão da figura de D. Afonso Henriques, que passa de “conquistador” a “conquistado”, ou seja, de responsável pela fundação da nação portuguesa em 1140, a “conquistado” pela colonização turística da cidade em que nasceu. Recorrendo apenas um actor, Ricardo Trêpa, que desempenha o papel de guia turístico, seguido de muito perto por dezenas de figurantes que representam os visitantes que invadem literalmente a pacata cidade de máquina fotográfica em punho, Oliveira opta pela simplicidade de um argumento e de uma situação, conseguindo o máximo efeito.

A famosa estátua erguida ao conquistador de Portugal, esculpida por Soares dos Reis, é assim a “personagem” central de um filme que começa com a história da nação portuguesa narrada em *off*. Não se trata aqui de evocar a memória de D. Afonso Henriques ou de reconstituir os seus feitos, mas de trabalhar sobre as transformações de uma cidade e sobre as suas memórias a partir do presente. É nesse sentido que esta curta-metragem de Oliveira poderia assumir o título da longa-metragem colectiva de que faz parte, pois é de um questionamento da ideia de “centro histórico” que aqui se trata, quando simbolicamente o centro de Guimarães é capturado pelos muitos turistas que a invadem diariamente, fazendo periclitar o seu sentido e a sua própria existência enquanto cidade e ideia de cidade. Uma cidade onde as praças vazias e silenciosas se enchem subitamente de gente perante os longos planos fixos de Oliveira e o olhar impávido da estátua do primeiro rei de Portugal. À simplicidade da narrativa e do seu carácter quase anedótico, Oliveira alia a simplicidade do modo como a filma e como tão directamente nos apresenta o enunciado final. “Eis o conquistador, conquistado pelos turistas que não param de o fotografar”. Não resta a Trêpa senão encolher os ombros. Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades.

Produzido também no contexto de Guimarães Capital da Cultura, em **O Corpo de Afonso** João Pedro Rodrigues reflecte sobre o fascínio exercido pela figura de D. Afonso Henriques e sobre as suas múltiplas apropriações históricas, para depois se centrar no seu corpo, como se de uma aproximação mais fetichista se tratasse. Das evocações da história do rei e dos seus restos mortais, lembrados no início do filme, partimos para uma sua recriação corporal no presente, como num *casting* para o seu papel.

João Pedro Rodrigues dirige os potenciais intérpretes de Afonso numa coreografia mínima de gestos: “podes despir-te”, “podes ler...”. Percebemos que todos estes homens com corpos tão diversos falam galego e posam frente a um ecrã verde, anunciando uma nova proposta de ilusão. Uns estão desempregados, uns são strippers ou culturistas, um é professor de história e geografia e à noite trabalha num bar. Eis o retrato indirecto daqueles que responderam ao *casting*, jovens e menos jovens que exibem os seus corpos para a câmara e empunham uma réplica da espada de D. Afonso. As cicatrizes do corpo do rei dão lugar a cicatrizes e tatuagens que exibem a história de cada um, inscrita na sua pele, sinal dos tempos e de uma lógica conduzida pelo desejo, questão sempre premente no cinema de João Pedro Rodrigues. Daí a insistência na corporalidade da figura do rei, em que a anatomia do corpo de um hipotético rei coincide com a anatomia dos corpos dos jovens culturistas galegos que posam para a câmara do realizador, evocando o passado guerreiro do “herói da nação portuguesa”.

Fragmentos de vistas da cidade de Guimarães, do céu, ou de textos de fundo histórico enquadram estes corpos, evidenciando o desfasamento entre presente e passado, que não é mais do que um sinal da transformação dos tempos face a um corpo apresentado como uma construção. Eis o sentido da evocação de um corpo disperso em tantos outros corpos, num cinema que sempre guardou um lugar de eleição à exploração do corpo nas suas múltiplas acepções.

Joana Ascensão